

# **RELAÇÕES DE PODER E EXISTÊNCIA AUTÊNTICA EM “AS FILHAS DO FALECIDO CORONEL”, DE KATHERINE MANSFIELD**

POWER RELATIONSHIPS AND AUTHENTIC  
EXISTENCE IN “AS FILHAS DO FALECIDO  
CORONEL”, BY KATHERINE MANSFIELD

**Moisés Silva de Azevedo Filho**



Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

**Clara Morghana Pereira Silva**



Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

## RESUMO

O presente artigo tem como principal proposta analisar o conto *As Filhas do Falecido Coronel* (1920), da escritora neozelandesa Katherine Mansfield, sob a perspectiva de existência autêntica com a finalidade de identificar meios de interferência e opressão sociais sobre as protagonistas e, para tal, destacaremos trechos da narrativa em questão para análise. A pesquisa será bibliográfica e de caráter analítico, tendo como aporte teórico pressupostos, sobretudo, de Michel Foucault (1996), para contribuir com as discussões acerca das relações de poder, e de Mirosława Kubasiewicz (2011), pesquisadora polonesa que lançou mão da ideia de “existência autêntica”, noção em voga em muitas narrativas de Katherine Mansfield. Nossa proposta assume que as protagonistas do conto de Mansfield, as irmãs Constantia e Josephine, adotam papéis sociais impostos a elas devido a relações de poder constituídas no patriarcalismo que as impelem de exercer suas vontades após a morte do pai, ao passo que têm dificuldades em lidar com variados compromissos póstumos.

PALAVRAS-CHAVE



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

### DATAS:

- Recebido: 17/02/2023
- Aprovado: 04/08/2023
- Publicado: 29/12/2023

### COMO CITAR:

AZEVEDO FILHO, . S. de. Relações de poder e existência autêntica em "As Filhas do Falecido Coronel", de Katherine Mansfield. **Enlaces**, Salvador, p. e023008, [s.d.]. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/enlaces/article/view/1029>. Acesso em: 29 dez. 2023.

Relações de poder. Existência autêntica. As Filhas do Falecido Coronel. Katherine Mansfield.

---

## ABSTRACT

The main purpose of this article is to analyze the short story *As Filhas do Falecido Coronel* (1920), by the New Zealand writer Katherine Mansfield, from the perspective of authentic existence to identify means of interference and social oppressions on the protagonists and, for that, we will highlight excerpts from the narrative in question for analysis. The research will be bibliographical and analytical in nature, having as theoretical support assumptions, above all, from Michel Foucault (1996), to contribute to the discussions about power relations, and from Mirosława Kubasiewicz (2011), a Polish researcher who used the idea of “authentic existence”, a notion in vogue in many of Katherine Mansfield's narratives. Our proposal assumes that the protagonists of Mansfield's short story, the sisters Constantia and Josephine, adopt social roles imposed on them due to power relations constituted in patriarchy that impel them to exercise their will after their father's death, while they have difficulties in deal with various posthumous engagements.

## KEYWORD

Relations of power. Authentic existence. As Filhas do Falecido Coronel. Katherine Mansfield.

## 1 INTRODUÇÃO

A escritora neozelandesa Katherine Mansfield (1888 – 1923) possui um considerável acervo literário composto principalmente por contos. A maioria das narrativas costuma apresentar protagonistas mulheres que vivem em uma determinada situação social e lidam frequentemente com eventos que as fazem passar por um momento de reflexão de suas condições existenciais. Alguns exemplos são os contos *Êxtase* (1918), *Prelúdio* (1918) e *A Casa de Bonecas* (1922).

A presente pesquisa propõe investigar o conto *As Filhas do Falecido Coronel* (1920), de Katherine Mansfield, com o intuito de discutir sobre a busca pela existência autêntica das protagonistas, as irmãs Constantia e Josephine, afastada de quaisquer papéis socialmente impostos. Assim, iremos destacar trechos da narrativa para analisar como se dá a relação entre elas após a morte do pai, ao passo que se dão conta de que poderiam viver, dali em diante, da forma que lhes agradassem. No entanto, fatores sociais envolvendo relações de poder as fazem hesitar em tentar transformar suas condições.

Para conduzir o presente estudo, teremos como aporte teórico pressupostos, sobretudo, de Michel Foucault (1996), para refletir sobre como se dão as relações de poder, e de Miroslawa Kubasiewicz (2011), para contribuir com a discussão acerca da ideia de existência autêntica. Nossa hipótese é de que as protagonistas do conto a ser analisado têm consciência de que podem viver fora dos papéis sociais impostos ao passo que buscam uma existência baseada em termos próprios. Entretanto, fatores externos as inibem de quaisquer tentativas de conversão.

## 2 RELAÇÕES DE PODER E EXISTÊNCIA AUTÊNTICA

### 2.1 DAS RELAÇÕES DE PODER E OS PAPÉIS SOCIAIS

No livro *Microfísica do poder*, Foucault (1996) lança mão de uma prerrogativa assentada na ideia de que numa determinada sociedade, ou em todas as sociedades, existem relações múltiplas de poder que caracterizam e constituem o meio social e conduzem as populações. O autor afirma que nós, o corpo social, “[...] somos obrigados pelo poder a produzir verdade [...]” (Foucault, 1996, p. 159). Podemos inferir, dessa forma, que a verdade está submetida aos mecanismos característicos do poder. Assim, os indivíduos são julgados, classificados e obrigados a desempenhar tarefas e viver de determinada forma por meio dos discursos verdadeiros que presentificam os efeitos de poder.

Sendo assim, não é de se estranhar que existem certas condições assimétricas e de desigualdades entre os sujeitos que de uma forma ou de outra correspondam justamente às instituições e aos discursos ligados ao poder que produzem essas dessimetrias históricas. E falando de relações desiguais, podemos pensar nas disparidades de gênero entre homem e mulher. Numa sociedade, Beauvoir (1970, p. 10) teoriza que uma mulher é determinada e diferenciada em relação ao homem, enquanto este convive com a “verdade” de ser pensável sem a mulher, afinal “[...] um tipo humano absoluto [...] é o masculino”. Enquanto o homem é o sujeito, a mulher é o “outro”.

Ao recusar esse lugar de “outro” ou ainda resistir às imposições de certos papéis sociais constituídos pelas relações de poder e dos discursos de verdade, Beauvoir (1970) afirma que as mulheres renunciam a todas as vantagens que a aliança com os ditames superiores pode conferir a elas. Dessa forma, as mulheres são submetidas ao caminho que as posicionam enquanto sujeitos, ao passo que as conduz à passividade e à alienação. É um destino fácil, porque evita-se a tensão e a angústia de vivenciar uma existência autenticamente assumida.

Nessa perspectiva, podemos pensar então na expressão “existência autêntica”, objeto de reflexão da pesquisadora polonesa Mirosława Kubasiewicz. Ao se defrontar com um mundo infinito, com sua própria solidão nessa imensidão e com a finitude da vida, o indivíduo é tomado por certa ansiedade de ser algo, ou alguém, e de pertencimento. Tal tensão é suprimida, de certa forma, pela adoção de determinados papéis e funções produzidos socialmente. Assim, o sujeito renuncia a autenticidade, que, segundo a Kubasiewicz (2011), é a finalidade da existência humana para submeter-se às coerções sociais, e torna-se parte de um grupo. Desse modo, o indivíduo negligencia sua própria identidade quando incorre por esse caminho.

Ao comentar sobre a existência autêntica, Kubasiewicz (2011) cita as produções e as personagens escritas pela contista Katherine Mansfield, que por si mesma já expressava bastante autenticidade. Mansfield nasceu em 14 de outubro de 1888, numa família em plena ascensão econômica e social na Nova Zelândia. Apesar de sua primeira história como escritora ter sido publicada aos 10 anos em um jornal da escola, a maior parte dos seus contos foi produzida na Alemanha em meio a um turbilhão de acontecimentos pessoais.

Blasina (2021) postula que as obras de Katherine Mansfield pertencem à fase da literatura feminina batizada por Elaine Showalter como feminista, compreendida entre os anos de 1880 e 1920. Os temas que frequentemente são abordados nos escritos de Mansfield são: as desigualdades sociais, a repressão sexual e a inadequação da mulher nos papéis sociais. Poderíamos afirmar que a busca por uma existência verdadeiramente autêntica e além dos ditames sociais e hegemônicos estaria presente como motivação das personagens da contista em questão?

## 2.2 DA EXISTÊNCIA AUTÊNTICA E AS PERSONAGENS DE KATHERINE MANSFIELD

Para a pesquisadora polonesa Mirosława Kubasiewicz (2011), a vida de Katherine Mansfield foi marcada por um propósito existencialista mesmo antes de o termo se popularizar. Do mesmo modo, pode-se evidenciar que temas relacionados ao existencialismo, tais como alienação, medo da morte e a busca pela liberdade e pela autenticidade, permearam a vida da escritora. Conforme Kubasiewicz (2011):

[...] Mansfield conviveu com a alienação e a solidão intensa quando sua doença a afastou do mundo e do homem que amava; além da dolorosa perda em virtude da morte de seu estimado irmão. Muitos críticos, se não todos, concordam que o isolamento e as perdas emocionais e espirituais estão entre os temas predominantes em suas narrativas, visões próprias da condição humana<sup>1</sup>. (Kubasiewicz, 2011, p. 53, tradução nossa).

Para Kubasiewicz (2011, p. 53, tradução nossa), partindo de uma perspectiva existencialista, o que se subentende como crucial na vida de Mansfield era “sua busca pela verdade sobre si mesma e seu desejo pela autenticidade de sua existência”<sup>2</sup>. A pesquisadora ainda comenta que, independentemente do comportamento adotado ou da linha de pensamento de Mansfield, ela persistiu em uma vida que consistisse em termos próprios e não hesitava em contrariar expectativas socialmente impostas de sua época.

Em seu texto *Authentic Existence and the Characters of Katherine Mansfield* (2011), Kubasiewicz reflete sobre o termo “existência autêntica”, levando em consideração os variados conceitos filosóficos acerca do que se entende como

---

<sup>1</sup> No original: “[...] Mansfield experienced alienation and extreme loneliness when her illness estranged her from the world and the man she loved, and painful loss when her beloved brother died. Most, if not all, critics agree that isolation, and emotional and spiritual loss, are among the dominant themes in her stories and reflect her view of human condition”.

<sup>2</sup> No original: “[...] her search for the truth about herself and her desire for authenticity of existence”.

existência. De antemão, a pesquisadora ressalta que a autenticidade seria a finalidade da existência humana, e que, em um mundo imensurável, o indivíduo está sozinho e, logo, sua existência é transitória. Dessa forma, a noção de responsabilidade junto à sensação de que a vida é passageira acaba provocando ansiedades as quais o indivíduo pelega para evitar durante sua vida.

Kubasiewicz (2011) ainda sustenta que uma das saídas de tal sensação de ansiedade é viabilizada pelo cotidiano, o qual envolve o homem e o instrui a adotar papéis ou determinadas funções sociais. Ou seja, para a pesquisadora, o indivíduo aceita visões e comportamento daqueles com quem convive para que possa se sentir parte de um determinado grupo social.

Nesse sentido, Foucault (1996) afirma que, em todas as sociedades, existem relações de poder diversas que atravessam e constituem os indivíduos. Somos julgados, condenados, classificados e conduzidos a determinados papéis sociais e modos de viver através dos discursos verdadeiros que trazem efeitos de poder específicos. É por meio dos discursos dos desígnios destes e consequentemente do poder que nos constituímos enquanto sujeitos, afinal, como determina Goldenberg (2018, p. 319), “[...] não há nenhuma realidade pré-discursiva”.

No entanto, Kubasiewicz (2011), ao citar o filósofo alemão Martin Heidegger, ressalta que quando um indivíduo permite que outras pessoas pertencentes a demais grupos sociais determinem sua identidade em troca de uma sensação de pertencimento e, logo, da perda das ansiedades, o preço que ele paga é nunca descobrir quem realmente é:

Nós nos divertimos e nos divertimos da forma que eles se divertem. Nós lemos, enxergamos e julgamos a literatura e a arte da forma que eles enxergam e julgam. Mas nós também nos afastamos da “grande massa” da forma que eles se afastam, achamos “revoltante” o que eles acham “revoltante”. O “eles”, que não é nada definitivo e que todos são, embora não como uma

soma, prescreve o tipo de ser do cotidiano<sup>3</sup>. (Heidegger, 1996, p. 119 *apud* Kubasiewicz, 2011, p. 54, tradução nossa).

Kubasiewicz (2011) ainda argumenta que, ao passo que o indivíduo obedece a papéis impostos e está sempre a se esquivar da realidade de sua condição social, ele permite que eventos se desenrolem em sua vida sem sua intervenção, o que o reduz a um ser passivo ou a um objeto. Outrossim, mesmo que ele decida não reagir em nenhuma circunstância, também se caracteriza como uma escolha pela qual é responsável: “[...] o homem não consegue fugir de suas responsabilidades, ele consegue apenas burlar a si mesmo de que estar presente no mundo é o suficiente para determinar sua existência”<sup>4</sup> (KUBASIEWICZ, 2011, p. 55, tradução nossa).

Por outro lado, aceitar papéis sociais, como bem aponta a autora, está associado a situações com as quais uma pessoa se identifica, ou seja, como sendo um objeto, um ser passivo e sem a capacidade de possuir visões críticas. De todo modo, como assume Kubasiewicz (2011), o indivíduo é desonesto consigo mesmo, pois um ser sem autenticidade não apenas busca segurança em funções sociais fixas e as aceita sem questionar os valores da comunidade em que vive, mas, ao objetificar a si próprio, despreza sua própria personalidade. Além disso, ao objetificar também ao próximo, ele torna as relações sociais genuínas inviáveis.

Para Kubasiewicz (2011), em termos existencialistas, a vida de Katherine Mansfield pode ser interpretada como um “projeto autêntico” no sentido de que a autora adotava papéis sociais relacionados ao seu gênero, mas nunca desistiu de buscar sua verdadeira personalidade. A princípio, a pesquisadora argumenta que a maioria das personagens das narrativas de Mansfield não pensam por si

---

<sup>3</sup> No original: “We enjoy ourselves and have fun the way they enjoy themselves. We read, see, and judge literature and art the way they see and judge. But we also withdraw from the ‘great mass’ the way they withdraw, we find ‘shocking’ what they find shocking. The ‘they’, which is nothing definite and which all are, though not as a sum, prescribes the kind of being of everydayness”.

<sup>4</sup> No original: “[...] man cannot escape responsibility for himself; he can only deceive himself that his being-in-the-world is sufficient to determine his existence”.



própria, isto é, elas recorrem a papéis sociais exigidos da época e não creem que possam, de fato, converter tais condições até que confrontem situações as quais abalam suas noções do que seja certo ou apropriado. Do mesmo modo, tais eventos narrativos oferecem às personagens uma oportunidade de refletir sob novas perspectivas. Contudo, Kubasiewicz (2011) pondera que algumas dessas personagens estão, de certa forma, cientes de sua inautenticidade, embora busquem reverter suas condições sociais ao longo do enredo, e, às vezes, consigam alcançar tal objetivo.

A título de ilustração, Kubasiewicz (2011) analisa a personagem Beryl Fairfield, presente em contos como *Prelúdio* e *Casa de Bonecas*, cujo principal desejo é encontrar a realização no amor. Na maior parte do tempo, Beryl desempenha um papel socialmente imposto sobre ela, isto é, uma bela jovem que está à espera de um príncipe encantado que irá protegê-la e dar-lhe status. Eventualmente, a personagem assume um papel diante de seu aparente pretendente, mas há momentos no enredo em que foge dessa atuação.

No conto *Prelúdio*, por exemplo, enquanto escreve para uma amiga chamada Nan Pym sobre seus interesses amorosos, Beryl compreende qual sua verdadeira pretensão ao se submeter aos cortejos de um pretendente. Para fugir de um confronto com o seu verdadeiro “eu” e permanecer no papel que lhe é confortável, ela se olha no espelho buscando uma legitimidade de sua própria atratividade. Como seu verdadeiro “eu” está apaziguado, ao obedecer a padrões sociais, a personagem começa a sentir pena de si mesma e a levantar a hipótese de que se ela fosse feliz e tivesse aproveitado a vida da forma que lhe agradasse, sua falsa personalidade deixaria de existir.

Por fim, a personagem admite para si mesma que foi seu verdadeiro “eu” apenas em raros momentos:

Ela viu a verdadeira Beryl: uma sombra... uma sombra. Ela brilhava fraca e impotente. O que estava ali dela exceto o esplendor? E, por

alguns breves instantes, ela foi realmente ela. Beryl quase podia lembrar de cada um deles. Naqueles tempos ela sentira: “A vida é rica e misteriosa e boa, e eu também sou rica, misteriosa e boa. Será que sempre serei aquela Beryl para sempre? Será? Como posso ser? E já houve alguma vez um tempo em que eu não tivesse um falso eu? (Mansfield, 2016, p. 226).

Segundo Kubasiewicz (2011), a protagonista está ciente de que sua existência não é autêntica e que se deixa assumir papéis socialmente pré-determinados. Em alguns momentos da narrativa, a personagem ainda reflete sobre suas condições sociais e manifesta seu desejo de mudar, mas sempre retoma tais papéis. Como a maioria das personagens dos contos de Mansfield, Beryl se encontra em situações culminantes durante a narrativa nas quais precisa tomar decisões importantes que podem transformar sua vida e permitir-lhe viver desatada de papéis e falsas personalidades.

No tópico seguinte, faremos uma leitura do conto *As Filhas do Falecido Coronel*, publicado pela primeira vez em 1920, com o objetivo de investigar as personagens principais da narrativa, as irmãs Constantia e Josephine, sob o prisma do conceito de existência autêntica proposto pela pesquisadora Miroslawa Kubasiewicz (2011), levando em consideração o contexto social e histórico retratados na obra.

### **3 UMA ANÁLISE DO CONTO AS FILHAS DO FALECIDO CORONEL, DE KATHERINE MANSFIELD**

O conto *As Filhas do Falecido Coronel*, publicado pela primeira vez em 1920, pela escritora Katherine Mansfield, traz uma narrativa focada nas personagens Constantia e Josephine, filhas de um coronel que acabara de falecer. As irmãs lidam com vários contratempos póstumos, tais como enviar correspondências, resolver burocracias relacionadas ao óbito, organizar os serviços fúnebres, lidar

com as visitas, conviver com a enfermeira e a empregada de longa data do pai, além de vivenciarem situações ao longo do enredo que deixam clara a influência repressiva do patriarca.

Durante o enterro do Coronel Pinner, Constantia e Josephine relembram o momento de sua morte, ao mirando fixamente antes de fechar os olhos. Quando o caixão começa a ser sepultado, as irmãs sentem um certo temor:

Josephine tivera um sentimento de puro terror no cemitério, enquanto o caixão era baixado a sepultura, ao pensar que ela e Constantia tinham feito isso sem a permissão dele. O que o pai diria se descobrisse? Ele com certeza descobriria, mais cedo ou mais tarde. Ele sempre descobriria. “Enterrado. Vocês duas me enterraram!” Ela ouvia a bengala bater. Ah, o que elas diriam? Que desculpa poderiam dar? Parecia algo de uma crueldade pavorosa. Tirar uma vantagem perversa de alguém que no momento não poderia reagir. (Mansfield, 2016, p. 102).

No trecho destacado, podemos evidenciar que, embora o coronel Pinner esteja morto e sendo sepultado, sua figura ameaçadora ainda vigia como as filhas se comportam, fazendo-as acreditar que ele sempre estará as observando. As irmãs também se incomodam com a naturalidade dos convidados no enterro e pensam em ouvir o coronel enfurecido reclamando dos gastos financeiros de seu sepultamento: “E espera que eu pague por essa excursão que inventaram?” (Mansfield, 2016, p. 102). Ambas começam a se arrepender do momento solene, pois, no entendimento delas, o pai não o aprovaria e nunca as perdoaria por isso.

Após o dia fatídico do sepultamento do pai, as protagonistas precisam entrar em seus aposentos para cuidar de alguns de seus pertences. A ideia de entrar no quarto do pai despertam o sentimento de desbrío nelas, pois estariam entrando no cômodo sem a permissão dele. Apesar do receio, Constantia e Josephine estão decididas a entrar, mas hesitam, a princípio, ao lembrar que havia uma regra por anos de não incomodar o pai em qualquer ocasião. Ao notar que a empregada Kate estava as observando, elas se sentem desafiadas e adentram no

cômodo. Ao se dirigir à cômoda do pai, Josephine começa a se sentir vigiada pelo pai. Contudo, ainda se sente determinada e ignora as súplicas de Constantia para deixar a tarefa para outro dia:

Josephine só conseguia manter os olhos arregalados. [...] Mas como explicar a Constantia que o pai estava dentro da cômoda? Ele estava na gaveta de cima, com seus lenços e suas gravatas, ou na seguinte, com suas camisas e seus pijamas, ou na mais baixa de todas com seus ternos. Lá estava ele, espiando, escondido... logo atrás da maçaneta da porta... pronto para surgir de repente. (Mansfield, 2016, p. 105).

Por outro lado, Josephine insiste para que Constantia não abra nenhuma gaveta, que discorda: “[...] mas isso soa como uma fraqueza” (Mansfield, 2016, p. 106). Em seguida, Josephine responde: [...] por que não podemos ser fracos uma vez na vida, Jug [Josephine]? É bastante perdoável. Sejam fracos, seja fraca, Jug. É muito mais fácil do que ser forte” (Mansfield, 2016, p. 106). Nesse evento da narrativa, podemos evidenciar que ambas as irmãs viveram a vida inteira assumindo o papel de cuidadoras do pai rigoroso e de idade avançada. Podemos retornar a Foucault (1996) para sustentar que Constantia e Josephine sempre se submeteram a mecanismos de poder do coronel Pinner.

Da mesma forma, Constantia tem consciência de que se submeter a papéis socialmente impostos é inerente às pessoas “fracas”, no entanto, ainda assim prefere ignorar do que agir para tentar mudar essa situação, pois seria mais fácil. Voltando à linha de pensamento de Kubasiewicz (2011), o indivíduo que está sempre tentando se esquivar da realidade tende a burlar a si mesmo. Ademais, para fugir de sensações de ansiedades, é comum que as pessoas aceitem ser instruídas por outros agentes. No caso de Josephine, a personagem prefere se manter no papel que lhe foi instruído do que se arriscar fazendo algo que não seria permitido pelo pai, mesmo ele estando morto.

Kubasiewicz (2011) sustenta que Constantia e Josephine são personagens incapazes de refletir sobre suas situações, sobre quem elas realmente são ou de definir o que querem. Devido ao fato de ter subjugado suas vidas às necessidades do pai, as irmãs nunca tiveram a chance de desenvolver suas próprias personalidades. A pesquisadora ainda comenta que, na narrativa, a morte do coronel Pinner serviu como um evento catalisador para livrá-las da dominação do pai e permitir que elas decidissem o que era melhor para cada uma. Além disso, embora as protagonistas tenham experiências que poderiam individualizá-las, elas são incapazes de refletir sobre. Constantia, por exemplo, reflete sobre as vezes em que ia à praia, onde cantarolava e se sentia livre em relação aos afazeres domésticos, e o quanto essa sensação era prazerosa para a personagem. O narrador destaca:

Houvera esta outra vida, sair correndo, trazer sacolas para casa, pedir autorização, discutir com Jug e levar outras questões para serem aprovadas, e arrumar as bandejas do pai e não aborrecê-lo. Mas tudo isso parecia ter acontecido em uma espécie de túnel. Somente quando saía desse túnel ao luar ou à beira-mar ou em um temporal ela se sentia ela mesma. (Mansfield, 2016, p. 120).

Josephine, por sua vez, imagina como a vida dela e da irmã seria se a mãe ainda estivesse viva. Kubasiewicz (2011) ressalta que ambas as personagens estão em um impasse mediante as incertezas sobre como iriam viver agora, órfãs de pai e mãe. A incapacidade das irmãs de assumir os compromissos póstumos ou de decidir com que ficaria os pertences do pai falecido, ou assumir a responsabilidade sobre suas próprias vidas, é notável ao longo da narrativa. Na passagem final do conto, durante uma breve conversa no lado de fora da casa onde moram, ambas têm algo a contar, porém, esquecem o que iriam dizer uma para outra após uma nuvem encobrir o sol, fazendo-as entrar:

— Você não acha que talvez... — começou ela. Mas Josephine a interrompeu. — Estava pensando se agora... — murmurou ela. Elas pararam esperando uma a outra. — Con, prossiga — disse Josephine. — Não, não, Jug; falo depois — disse Constantia. — Não, fale o que ia falar. Você começa — disse Josephine. — Eu... eu prefiro ouvir o que você tem a dizer primeiro — disse Constantia. — Que absurdo, Con. — Sem dúvida. — Connie! — Ah, Jug! Uma pausa. Em seguida, Constantia falou baixinho: — Não posso dizer o que iria dizer, Jug, porque eu esqueci o que era... o que eu iria dizer. Josephine ficou em silêncio por um momento. Fitou uma nuvem enorme onde esteve o sol. Então retrucou de modo abrupto: — Eu também esqueci. (Mansfield, 2016, p. 120-121).

As personagens analisadas são exemplos daquelas frequentemente presentes nas narrativas de Katherine Mansfield, as quais assumem papéis sociais, e algumas, como Constantia e Josephine, protagonistas do conto *As Filhas do Falecido Coronel*, estão cientes de suas condições de existências inautênticas. Ou seja, há situações complexas do cotidiano que as regalam com oportunidades de parar para pensar sobre desejos e interesses próprios genuínos e refletirem sobre quem elas são verdadeiramente. Porém, como bem realça Kubasiewicz (2011), as personagens de Mansfield, em sua maioria, não se sentem forte o bastante para aceitar o desafio de mudarem suas condições. Aliás, para se desvencilharem de papéis impostos por uma sociedade durante uma vida inteira para viver de acordo com suas verdadeiras pretensões demandaria uma determinação heroica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, realizamos uma análise sobre o comportamento das protagonistas do conto *As Filhas do Falecido Coronel*, de Katherine Mansfield, Constantia e Josephine, onde apontamos as dificuldades e impasses das personagens ao terem a complicada tarefa de lidar com a morte do pai e com os

compromissos e responsabilidades que recaem sobre elas. Evidenciamos também que ambas as irmãs, que dedicaram a vida toda a cuidar do austero coronel Pinner, têm a consciência de estarem livres dali em diante. Contudo, a presença fantasmagórica do pai e a sensação de ainda estarem sendo observadas por ele as fazem hesitar em viver uma existência autêntica, genuína.

Para a pesquisadora Miroslawa Kubasiewicz (2011), é uma tarefa complexa definir o conceito de existência autêntica. Mas, de forma objetiva, a autora a propõe como um processo de se tornar o que realmente se deseja ser, pois a autenticidade pode variar de pessoa para pessoa. Por outro lado, deve ser obtido em um processo de busca pelo verdadeiro “eu” na situação ou facticidade em que se vive. Portanto, podemos concluir que as personagens Constantia e Josephine buscam ser quem elas querem ser de verdade, pois tal desejo as interessam. Porém, fatores sociais enraizados socialmente em suas condições de vida as privam desse prazer.

---

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLASINA, J. R. **O espaço pictórico e vertigem na narrativa de Katherine Mansfield**: uma análise artístico-literária. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. São Paulo: Graal, 1996.

KUBASIEWICZ, M. Authentic existence and the characters of Katherine Mansfield. *In*: WILSON, J.; KIMBER, G.; REID, S. **Katherine Mansfield and Literary Modernism**. Continuum: London, 2011. p. 53-65.

MANSFIELD, K. Prelúdio. *In*: PINHEIRO, Flora (org.). **15 Contos Escolhidos de Katherine Mansfield**. Tradução de Mônica Maia. São Paulo: Record, 2016. p. 170-227.

MANSFIELD, K. As Filhas do Falecido Coronel. *In*: PINHEIRO, F. (Org.). **15 Contos Escolhidos de Katherine Mansfield**. Tradução de Mônica Maia. São Paulo: Record, 2016. p. 94-122.